

## **A POESIA EM MEIO DIGITAL E A SALA DE AULA**

*Gisela Maria de Lima Braga Penha* (UFAC)  
[gidilima7@gmail.com](mailto:gidilima7@gmail.com)

Segundo Luiz Costa Lima (2002, p. 787), em *Estruturalismo e Crítica Literária*, “a sociedade burguesa, desde o século XVIII, assegurava previamente um lugar para o discurso literário”. Ele continua: “No caso especificamente brasileiro, a literatura era um meio de tornar aceitável a atividade de pessoas que, ainda não vinculadas ao mercado de trabalho, ali encontravam o meio onde canalizar sua agressividade e rebeldia” (p. 788). No entanto, para que houvesse a aceitação da literatura pela classe dominante havia a necessidade de neutralizar a agressividade dos poetas. “O Estado-mecenas, os padrinhos, a promoção na carreira de funcionário público ou a possibilidade de uma cátedra logo vinham socializar o rebelde.” (p. 788). Assim, o poeta “socializado” torna-se uma figura útil à burguesia. Com a racionalização da sociedade capitalista, “a literatura torna-se no máximo um instrumento como outro qualquer” (LIMA, 2002, p. 788). Assim, ela perdeu *status* e espaço no século XX. De uma posição de alto prestígio, o texto literário, de um modo geral, passa a ser visto como anacrônico e desnecessário.

Se pensarmos em poesia, o problema torna-se mais grave. Em recente pesquisa em um colégio de ensino médio da cidade de Rio Branco, Acre, pudemos detectar que, não só os alunos não leem poesia, como ela é pouco trabalhada em sala de aula. Tal fato nos leva a alguns questionamentos: ler poesia é mais difícil? Ela está muito longe da realidade do aluno que prefere navegar na web? Por que há uma preferência, por parte do professor, em trabalhar com a prosa? Estaria ligada, por exemplo, a sua formação em letras?

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

A internet já é extremamente popular e caminha para tornar-se imprescindível em nossas vidas, se já não o for. Por que, então, não conciliar aluno-poesia e cibercultura?

Para Pierre-Lévy (1999, p. 17), cibercultura é o “conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente como crescimento do ciberespaço”.

Para nos situarmos é preciso, também, o conceito de ciberespaço:

Ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material de comunicação digital, mas também o universo oceânico de informação que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. (1999, p. 17)

Essas questões nos levaram a apresentar, por meio deste artigo, um possível caminho para aproximar o aluno do texto poético e fazer com que ele possa se interessar: a poesia digital. Se, como sabemos, há programas que distribuem laptops para alunos e professores, por que não usá-los para criar/estimular o gosto pelo texto poético? Por que não conciliar o já existente interesse pela internet com a poesia desenvolvida em meio digital?

Assim, a partir dessa perspectiva, traçaremos um percurso que vai desde o texto literário linear, tradicional, passa pela literatura francesa, pela brasileira, até chegar à denominada poesia digital. Apresentaremos, também, trabalhos didáticos existentes em sites extremamente populares como o Youtube. Nosso principal objetivo é mostrar que possuímos já as ferramentas, apenas há a necessidade, por parte de professores, de olhar para elas como outro caminho possível para humanizar o texto literário e, desta maneira, aproximá-lo do aluno. Tal percurso pode e deve ser feito, a nosso ver, com qualquer gênero literário.

Mas o que queremos dizer com “humanizar o texto literário”? Umberto Eco, em um artigo intitulado “Sobre algumas funções da literatura”, faz a seguinte afirmação:

Os textos literários não somente *dizem explicitamente aquilo que nunca poderemos colocar em dúvida*, mas, à diferença do mundo, assinalam com soberana autoridade aquilo que neles deve ser assumido como relevante e aquilo que não podemos tomar como ponto de partida para interpretações livres. (2003, p. 13). (grifos nossos)

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Em *Introdução ao Estudo Crítico da Literatura* (DANZIGER, 1974), ao analisar os critérios pelos quais devemos julgar um texto literário, há a colocação do critério da verdade como uma das possibilidades. Mas de que maneira o texto literário seria portador da verdade? Os autores propõem o “critério da verdade simbólica”:

Poderemos chamar-lhe de critério da verdade simbólica, segundo o qual a literatura não é julgada como uma boa cópia da vida ordinária que conhecemos nem como a representação de algum ideal, mas, antes, *como uma grande parábola ou paradigma da vida*, em qualquer de seus múltiplos aspectos. Por muito desvirtuado, ou atípico, ou não idealizado, que possa ser o enredo de uma obra, *ele deve proporcionar-nos, a impressão de que captou, por assim dizer, certa parcela do ritmo básico da existência*. (DANZIGER, 1974, p. 222). (grifos nossos)

Parece-nos que se os dois excertos apontam para um ponto convergente: o texto literário, em última instância, discute, reflete, questiona, artisticamente, sobre o ser humano. Assim, se o professor souber utilizar essa característica inerente ao literário, provavelmente, terá sucesso em suas aulas, pois os alunos tendem a se interessarem por algo que fique próximo de suas vidas, de seus desejos, anseios e inquietações. A nosso ver, independentemente de que gênero literário, ou em qual meio esse texto está veiculado, é imprescindível que o aluno o veja como uma possibilidade de diálogo com sua própria vida. Este é o ponto de partida para que o professor consiga atingir a curiosidade do aluno e incitar seu interesse para o literário.

Octavio Paz define a poesia como:

Conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola, une. Convite à viagem. Regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. Súplica ao vazio, diálogo com a ausência, é alimentada pelo tédio, pela angústia e pelo desespero. Exorcismo, magia (...) Filha do acaso, fruto do cálculo. Arte de falar em forma superior; linguagem primitiva. Imitação dos antigos, cópia do real, cópia de uma cópia da Ideia. Analogia: o poema é um caracol onde ressoa a música do mundo (...) (1982, p. 15)

Ao olhar o poema “como um caracol onde ressoa a música do mundo”, (p. 15), Paz parece dialogar e corroborar a afirmação de que a literatura trata, inclusive, do humano. Assim parece-nos que a poesia em meio digital, com sua estrutura própria, é mais um meio de que dispõe o professor para torná-la próxima de seu aluno, pois, como sabemos, a internet já faz parte de nossa vida.

Quando em 1897, Stéphane Mallarmé publicou “Um lance de dados jamais abolirá o acaso”, poema que explora as possibilidades da tecnologia da impressão, que utiliza os espaços da página para indicar o ritmo da leitura e das pausas, muito provavelmente, não imaginou quais as consequências de sua obra. Leyla Perrone-Moisés em um artigo publicado em 1992, “A inútil poesia de Mallarmé”, trata desse poema e de seu ainda intrigante tratamento da linguagem, assim como da dificuldade que as pessoas têm em “aceitar” que as palavras podem ser usadas com “outros fins que não os práticos” (2000, p. 32). A ensaísta ainda afirma:

Banalizada e desgastada no manuseio cotidiano, a linguagem perde seu valor-ouro e adquire um valor venal. Contaminadas pelas relações econômicas, todas as relações humanas, trocadas no miúdo da fala, se corrompem e se desgastam. A função do poeta moderno, assumida exemplarmente por Mallarmé, é opor-se a esse comércio aviltante, e propor a utopia de outras trocas linguageiras. (2000, p. 32)

Podemos fazer duas considerações a partir das colocações de Leyla Perrone-Moisés: a primeira diz respeito ao estranhamento criado pelo poema de Mallarmé. Publicado no século XIX, o texto poético pode ser considerado um precursor de um movimento genuinamente brasileiro do século XX – o Concretismo, que será “exportado” para Portugal, por exemplo. Lá chamará a atenção do poeta Ernesto Manuel de Melo e Castro, um dos precursores da poesia em meio digital. Então, podemos dizer que Mallarmé já denuncia a infopoesia justamente por seu trabalho com a linguagem que utiliza signos verbais e não verbais e pelo seu poema estar construído a partir de uma alta complexidade visual.

Além disso, há nas colocações de Perrone-Moisés, outro ponto crucial: a discussão acerca da (in) utilidade da poesia. Além de ter em seu bojo, questões de natureza teórica, há, também, uma questão de natureza filosófica: afinal, qual é o objetivo de um ser humano? O que o move? O que o completa? Só daremos valor ao que nos for útil? Não estaria aqui uma reflexão profunda sobre o humano que poderia ser utilizada pelo professor ao trabalhar com o texto poético?

Em uma carta escrita a Verlaine em novembro de 1885, Mallarmé diz: “No fundo considero a época contemporânea um interregno para o poeta, que a ela não deve se misturar: ela está por demais caduca e em efervescência preparatória para que ele tenha outra coisa a fazer, senão trabalhar em mistério, *com vistas a mais tarde* ou a jamais”. (2000, p. 34, grifos nossos) Não estaria aí o poeta antecipando a poesia em meio digital? Não estaria aí o poeta visualizando a necessidade de outros meios e modos de representação do objeto lírico? Abrindo fendas ou caminhos

que permitiriam o estabelecimento e funcionamento da poesia em outros meios não oficiais, tradicionais e mesmo ainda não existentes, e ao fazê-lo amplia o paradigma artístico?

Mas afinal, o que é infopoesia? Segundo Ernesto Manuel de Castro, poeta e crítico português, é uma nova linguagem poética, que faz a "utilização simultânea de signos verbais e não verbais, para, através de instrumentos informáticos, criar estruturas poemáticas de alta complexidade visual, complexidade essa que também se manifesta simultaneamente no nível semântico." (1998, p. 9)

Para o poeta português, uma poética do pixel começa a se configurar:

A construção de imagens assim desmateriais constitui-se em poética porque produz sensações elas próprias capazes de modificar a percepção, tanto do operador que as produz como dos destinatários fruidores, potenciando a capacidade do operador e elevando o grau da complexidade da fruição estética para níveis dificilmente imagináveis e que de outro modo não seriam alcançáveis. ([http://www.ociocriativo.com.br/guests/meloecastro/frames\\_textos.htm](http://www.ociocriativo.com.br/guests/meloecastro/frames_textos.htm))

Ao teorizar acerca da Poética do pixel, Melo e Castro diz:

Fernando Pessoa falou mesmo em quatro graus da poesia lírica, que podem ser assim esquematizados: No 1º grau o eu do poeta exprime-se diretamente e confunde-se com o enunciador no tratamento de temas da sua própria expressividade; no 2º grau o eu manifesta-se autorreflexivamente acerca de si próprio e do mundo em que se encontra, podendo até ser irônico ou crítico; no 3º grau o poeta fala de outros eus e de outros assuntos, manifestando um distanciamento do seu eu em relação a eles – é o grau da poesia referencial, épica ou social; no 4º grau o poeta cria outros eus que são os eus enunciadore e se manifestam diferentemente de si, nos textos que ele próprio cria: é o grau da heteronímia e da poesia dramática. Este é o grau em que Fernando Pessoa se colocaria.

Mas desde o tempo de Pessoa algumas coisas novas ocorreram que me levam a completar estes quatro graus com mais dois, seguindo o mesmo critério crítico que penso estar inteiramente correto. Assim no 5º grau o eu do poeta faz aparecer o eu do texto como entidade autônoma. Estamos agora no nível metalinguístico da metapoesia, ou da poesia da poesia que tanto predominou nos anos 50 e 60; o 6º grau é o da infopoesia, agora com utilização simultânea de signos verbais e não verbais para, através de instrumentos informáticos, criar estruturas poemáticas de alta complexidade visual, complexidade essa que também se manifesta simultaneamente no nível semântico. As relações homem-máquina são agora enfatizadas devendo ser considerado que o eu do poeta e a noção de autor-operador não podem nem devem ser confundidas. ([http://www.ociocriativo.com.br/guests/meloecastro/frames\\_textos.htm](http://www.ociocriativo.com.br/guests/meloecastro/frames_textos.htm))

A teorização da poesia digital deve ser discutida pelo meio acadêmico, por teóricos, críticos, poetas, escritores, professores, os quais,

com certeza, trarão contribuições significativas para o aprofundamento de discussões e reflexões acerca desse campo de conhecimento. Há necessidade, também, de inclusão dessa área nas estruturas curriculares dos cursos de letras, pois este é um dos caminhos para formar professores do ensino fundamental e médio com capacidade para lidar com a literatura em meio digital. Além da poesia, outros gêneros literários já estão presentes no ciberespaço e, também, precisam ser levados em conta por todos.

Se como dissemos no início, a poesia, de um modo geral, é vista como algo muito distante, inacessível (e aqui nos referimos aos dados coletados em nossa pesquisa institucional), por que há tantos poemas no Facebook, por exemplo? O usuário ao postar um poema não estaria nos dizendo que ele gosta de poesia? Essa questão é extremamente interessante e instigante e poderia ser objeto de pesquisa.

Já há inúmeros vídeos disponibilizados, por exemplo, no Youtube, e que podemos ver que são frutos de um trabalho escolar com poesia. Há releituras de obras famosas, poemas de autores desconhecidos, montagens com poesia concreta, etc. A diversidade é imensa e, como tudo no ciberespaço, ela aumenta em progressão geométrica. Mas fica o questionamento: por quais perspectivas devemos olhar para a utilização do trinômio aluno-poesia-cibercultura?

Sem dúvida nenhuma, os trabalhos existentes na internet já atingiram um objetivo: fazer com que o aluno leia o texto poético e o manipule. Ao entrar em contato com esse universo artístico e dar-lhe outra apresentação, houve a necessidade de análise e interpretação, seguida de recriação. Não é quase tudo que um professor de literatura desejaria de seus alunos?

Numa tentativa de ampliar a perspectiva de utilização didática da poesia em meio digital, novamente recorreremos a algumas colocações de Pierre Lévy:

As atividades humanas abrangem, de maneira indissolúvel, interações entre: – pessoas vivas e pensantes; – entidades materiais e artificiais; – idéias e representações. É impossível separar o *humano* de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio dos quais *ele atribui sentido à vida e ao mundo*. Da mesma forma, não podemos separar o mundo material e menos ainda sua parte artificial- das idéias por meio das quais os objetivos técnicos são concebidos e utilizados, nem dos humanos que os inventam, produzem e utilizam. Acrescentemos, enfim, que *as imagens, as palavras, as construções de linguagem entranham-se nas almas humanas (...)* (1999, p. 22) (grifos nossos)

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Segundo Lévy no excerto acima, os signos e imagens dão sentido à vida e ao mundo; se a poesia tem como material básico os signos os quais são responsáveis pela criação de imagens, sejam elas digitais ou não; se a linguagem está nas entranhas da alma humana, o que falta para que o aluno possa ver no poema a discussão, a reflexão acerca de sua alma? Ver no poema a definição de poesia dada por Octavio Paz? A resposta parece ser simples: cabe ao professor mostrar que em última instância, o texto poético fala de cada um de nós, e o faz profundamente. Acreditamos que o ser humano só aprende na medida em que as coisas fazem sentido para ele. Assim, se o professor conseguir mostrar e demonstrar que a poesia reflete em vários níveis o ser – humano todos passarão a vê-la com outros olhos.

A poesia em meio digital pode ter a capacidade de reaproximar as pessoas do texto literário porque ela está em um veículo popular, ao alcance de quase todos. Mas para que isso aconteça, é preciso sempre buscar a humanização da literatura, ou ainda, na visão do narrador demiurgo de *A Jangada de Pedra*, de José Saramago: “Não falta por aí, nunca faltou, quem afirme que os poetas, verdadeiramente, não são indispensáveis, e eu pergunto que seria de todos nós se não viesse a poesia ajudar-nos a compreender quão pouca claridade têm as coisas a que chamamos claras” (1988, p. 304).

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DANZIGER, M.K.; JOHNSON, W.S. *Introdução ao estudo crítico da literatura*. São Paulo: Cultrix, 1974.

ECO, U. *Sobre a literatura*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, L. C. *A teoria da literatura em suas fontes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, v. 2.

MELO e CASTRO, E. M. A poética do pixel. Disponível em: <<http://www.ociocriativo.com.br/guests/meloecastro/pixel.htm>>. Acesso em: 7 de novembro de 2011.

PAZ, O. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PERRONE-MOISÉS, L. *Inútil poesia*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

SARAMAGO, J. *A jangada de pedra*. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.